

4. A indagação pela palavra

Mundo e Terra

Desde *Ser e tempo*, Heidegger sabia que a questão do ser não poderia ser desenvolvida no âmbito da metafísica e, depois dos textos do início dos anos 30, como “Sobre a essência da verdade”,¹ fica ainda mais evidente para o filósofo que a questão do ser não poderia mais ser desenvolvida de acordo com um pensamento que se ativesse ao enunciado lógico. Por isso, ele decide pelo encontro com a poesia a fim de poder transitar pelas regiões inusitadas do ser.² No entanto, esta primeira formulação, apesar de decisiva, só encontrará definitivamente um acesso privilegiado para o pensamento do ser quando da retomada por Heidegger da questão da linguagem e da poesia no início dos anos cinquenta.

Neste momento, a oposição dual entre mundo e terra é abandonada para dar lugar a uma quadriplacidade constituída de terra e céu, deuses e mortais. Estes quatro campos do mundo compõem a unidade movente do *Geviert*.³ Aqui, os homens que estão sobre a terra encontram-se necessariamente sob o céu e isto quer dizer também que, como mortais, os homens estão sempre diante de deuses. Mas, para compreender melhor as palavras-chave, mundo e terra, terra e céu, deuses e mortais, é preciso antes compreender o que Heidegger quer dizer quando ele afirma que a instauração de um mundo e a produção da terra constituem dois traços essenciais no ser-obra da obra:

O mundo é a abertura que se abre nos vastos caminhos das decisões simples e decisivas no destino de um povo histórico. A terra é o ressaír forçado a nada do que constantemente se fecha e, dessa forma, dá guarida. Mundo e terra são essencialmente diferentes um do outro e, todavia, inseparáveis. O mundo funda-se na terra e a terra irrompe através do mundo. Mas a relação entre mundo e terra nunca degenera na vazia unidade de opostos, que não têm que ver um com outro. O mundo aspira, no seu repousar sobre a terra, a sobrepujá-la. Como aquilo

¹ Esta conferência foi proferida pela primeira vez em 1930. Heidegger pretendeu neste texto pôr em questão o conceito tradicional de verdade que consiste na adequação, ou melhor dizendo, na concordância entre o intelecto e a coisa.

² Cf. WERLR, M. A., *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*, p.11-12.

³ Cf. ZARADER, M., *Heidegger e as palavras de origem*, p. 248.

que se abre, ele nada tolera fechado. A terra, porém, como aquela que dá guarida, tende a relacionar-se e a conter em si o mundo.⁴

O confronto entre mundo e terra é um combate, mas não uma discórdia que provoca a destruição. Pelo contrário, no combate essencial, o combatente torna-se mais autenticamente o que é. Assim, na análise de Heidegger, o templo grego, ao repousar sobre o chão de rocha, faz sobressair o obscuro do seu suporte maciço e, ao resistir a tempestade, faz sobressair a sua a força; da mesma forma que sobressaem o brilho e a luz da pedra à mercê do sol, que, por sua vez, evidencia a claridade do dia e a imensidão do céu assim como a treva da noite.

Ser obra quer dizer instalar um mundo, sendo que aqui mundo não é uma simples reunião de coisas existentes e sim o livre domínio onde todo ente pode surgir e ser reconhecido. E, segundo Heidegger, na medida que uma obra é obra abre espaço para aquela amplidão. Assim a obra enquanto obra instala um mundo e mantém aberto o aberto do mundo. Mas ao instalar um mundo, longe de deixar desvanecer a matéria, a obra faz sobressair a terra, ou melhor, como diz o filósofo, a obra deixa que a terra seja terra.⁵ É desse modo que o escultor não gasta a pedra e que o poeta ao dizer a palavra não faz como aqueles que habitualmente falam e escrevem apenas gastando ou jogando conversa fora, mas, faz de forma tal que a palavra se torna e permanece verdadeiramente uma palavra.

Portanto, a obra de arte que repousa em si mesma advém desse combate entre mundo e terra. Mas, a terra só irrompe através do mundo e o mundo só se funda na terra. E o que tem lugar por meio do templo grego ou da estátua de um deus ou mesmo da palavra é, não apenas a eclosão do mundo, mas a sua instauração sobre a terra. Assim, a obra, ao mesmo tempo em que erige um mundo, faz vir a terra. E compreender a terra é saber que a terra só pode ser acolhida como terra, isto é, preservada no seu velamento. Aqui a verdade insere-se na obra: “A verdade advém como combate entre clareira e ocultação, na reciprocidade adversa entre terra e mundo.”⁶

⁴ HEIDEGGER, M., *A origem da obra de arte*, p.38.

⁵ Cf. *Ibid.*, p. 36.

⁶ *Ibid.*, p. 50.

Poesia e verdade

A verdade não pode advir do que é habitual e da cotidianidade. Segundo Heidegger, a verdade, como a clareira e ocultação do ente, só acontece na medida em que se poetiza:

*Toda arte, enquanto deixar-acontecer da adveniência da verdade do ente como tal, é na sua essência Poesia. A essência da arte, na qual repousam simultaneamente a obra de arte e o artista é o pôr-em-obra-da-verdade. A partir da essência poetante da arte acontece que, no meio do ente, ela erige um espaço aberto, em cuja abertura tudo se mostra de outro modo que não o habitual.*⁷

É preciso ressaltar que neste contexto a poesia é pensada num sentido mais amplo em função da sua união essencial com a linguagem: “A própria linguagem é Poesia em sentido essencial”⁸ Mas porque a linguagem é o acontecimento em que o ente como ente se abre, a poesia no sentido restrito é a Poesia mais original visto ser ela, segundo Heidegger, a arte da linguagem. E ele diz:

A linguagem não é apenas - e não é em primeiro lugar - uma expressão oral e escrita do que importa comunicar. Não transporta apenas palavras e frases o patente e o latente visado como tal, mas a linguagem é o que primeiro traz ao aberto o ente enquanto ente.⁹

Onde nenhuma linguagem advém não há também abertura. Só na medida que a linguagem nomeia pela primeira vez o ente, é que um tal nomear traz o ente à palavra e ao aparecer. E este nomear é o dizer do poeta. A poesia é, segundo Heidegger, a fábula da desocultação do ente, pois tem ela o poder de fazer advir o indizível.

Não por acaso, Heidegger dedica à palavra uma atenção especial. E segundo Beda Allemann, a interpretação de Heidegger visa fundamentalmente à palavra.¹⁰ Por exemplo, em “O Reno” a palavra central é destino, sendo que por destino entende-se o ser dos semideuses, em “Como em dia de feriado” a palavra central é natureza e em “Volta ao lar” a palavra que ilumina todo o poema é

⁷ Ibid., p.58.

⁸ Ibid., p.59.

⁹ Ibid., p.58.

¹⁰ Cf. ALLEMAN, B., *Hölderlin et Heidegger*, p.151.

alegria.¹¹ A poesia, segundo o filósofo, se origina na palavra e, por isso, é ela a chave para a compreensão do poema porque é principalmente a partir dela que se chega à linguagem. No entanto, quando se encara o desejo de trazer à linguagem o que nunca foi dito tudo depende da linguagem, e não do homem, conceder ou recusar a palavra certa:

O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem. Isso só acontece, porém, quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem. Enquanto essa atenção não se dá, desenfream-se palavras, escritos, programas, numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem. Talvez seja o modo de o homem lidar com esse assenhoramento que impele o seu ser para a via da estranheza. É salutar o cuidado com o dizer. Mas esse cuidado é em vão se a linguagem continuar apenas a nos servir como meio de expressão. Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos contribuir para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro.¹²

Em “Construir, habitar, pensar”, Heidegger afirma que a palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, “*buan*”, significa habitar, ou seja, permanecer, morar. Mas, o significado do verbo *bauen* como habitar perdeu-se. No entanto, um vestígio deste significado encontra-se na palavra “*Nachgebauer*”, a saber, aquele que habita a proximidade. Por outro lado, a antiga palavra *bauen* é na verdade a mesma palavra alemã *bin* que, por sua vez, significa o verbo ser conjugado, assim tem-se *ich bin*, isto é, eu sou, ou melhor, eu habito. *Bauen* também significa proteger e cultivar. No entanto, o sentido próprio de construir cai no esquecimento e conseqüentemente cai também no esquecimento o ser do homem. Nas palavras essências da linguagem, o caráter originário desses significados cai facilmente no esquecimento, pois: “a linguagem retrai para o homem o seu dizer simples e elevado. Mas isso não chega a emudecer o seu apelo inicial. O apelo apenas silencia.”¹³

Portanto, podemos depreender de tudo o que foi dito que, se toda arte é Poesia, então, a arte em cada caso- e aqui falamos da escultura, da pintura e de todas as formas de arte – é um modo próprio de poetar dentro da clareira do ente, que já aconteceu na linguagem. É desse ponto de vista que um quadro de Van Gogh ou as tragédias de Sófocles ou a poesia de Hölderlin ou mesmo um Templo

¹¹ Cf. HEIDEGGER, M., *Approche de Hölderlin*, 1973.

¹² Id., *Construir, habitar, pensar, Ensaio e conferências*, p. 126.

¹³ Ibid., p.128.

Grego não são essencialmente diferentes. E, por isso, todos podem ser chamados de poesia. Porque o que tem lugar por meio da obra é não apenas a abertura do ente, mas, simultaneamente, a instauração do ser: não apenas a eclosão do mundo, mas a sua instauração sobre a terra.¹⁴

A quadratura

Como vimos, para Heidegger, o pensamento que deseja sair do âmbito da metafísica deverá colocar a linguagem no centro de sua atenção, e já não poderá tratá-la como instrumento para comunicar ou para manipular o ente já aberto na simples presença, mas deverá compreender que é a linguagem que dá ser às coisas. O pensamento só poderá ir às próprias coisas com e a partir da linguagem. Assim, a reflexão acerca da linguagem não é uma reflexão sobre a linguagem e a realidade e como estas se relacionam, ou seja, sobre a propriedade e impropriedade da linguagem para se referir às coisas na realidade, pois, se é na linguagem que se abre a abertura do mundo, o verdadeiro modo de ir às coisas mesmas ocorrerá somente à medida que o homem numa escuta chegar à palavra.

Aqui, o ser da coisa já não é a instrumentalidade, visto que, de acordo com Heidegger, as coisas fazem morar junto de si a quadratura dos quatro. O mundo e a terra não desaparecem, mas ganham novos contornos. Os homens na medida em que são homens habitam sobre a terra e, sobre ela, se demoram. Porém, o homem está da mesma forma sob o céu, e só assim o azul do céu pode ser azul. E só assim o homem pode olhar para o céu. Isto quer dizer que o homem está sempre diante dos deuses e entre os mortais.

Os mortais são aqueles que habitam na medida em que se demoram sobre a terra, acolhem o céu, esperam o divino e experimentam a morte como morte. E, ao se demorar sobre a terra, o homem escuta a linguagem e, desse modo, canta o poema. Na linguagem, a terra floresce em direção ao rebento do céu. É nesse sentido que Heidegger, assim como fez Hölderlin, chama a linguagem de flor da boca. Mas é a poesia que deixa os quatro campos ascenderem à sua unidade. É este jogo de espelhos dos quatro que, ao mesmo tempo, ascendem a uma unidade

¹⁴ Cf. ZARADER, M., *Heidegger e as palavras da origem*, p. 251.

que Heidegger agora chama de mundo. Portanto, mundo já não se limita a dizer a abertura em oposição à terra. Mundo agora é este jogo de espelhos no qual o ser se dá e ao mesmo tempo se retira.

Estas palavras poéticas se distanciam de uma explicação conceitual, mas se aproximam da verdade enquanto verdade do ser. Os quatro podem ser entendidos também como pontos cardeais já que não são entes que estão dentro do mundo, mas sim dimensões da abertura do mundo em que estão os entes intramundanos.¹⁵

Desse modo, enquanto instrumento, as coisas não são capazes de fundar uma abertura e apenas se limitam a articular uma abertura já aberta. Só a obra de arte, que é na sua essência poesia, permite que se torne presente não só a verdade, mas também a não-verdade, visto que o discurso poético parece ser o único capaz de dar conta do que não é meramente representacional, mas do mistério. E, segundo Vattimo, não é por acaso que o conceito de *Geviert* se formule em termos poéticos.¹⁶

A coisa é apenas enquanto faz morar junto de si terra e céu, deuses e mortais. No entanto, a coisa não pode fazer morar junto de si os quatro considerando o tempo e o espaço simplesmente como medidas. A coisa faz morar junto de si os quatro apenas na palavra poética, o que não quer dizer necessariamente que isto só ocorra no poema, mas na linguagem na sua força originária e criadora. Entretanto, é isto que realiza o poema, entendido como modo privilegiado do habitar humano, ou seja, relaciona os quatro campos do mundo, deixando advir o mundo como mundo. É só assim que as coisas podem ser coisas.

O pensamento é fundamentalmente uma escuta da linguagem quando esta atinge o centro do ser, ou seja, na sua força originária. Por isso, Heidegger diz, em “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador”, que perguntar pela palavra capaz de dizer o que se chama linguagem e perguntar pelo hermenêutico são a mesma coisa. Visto que nós estamos sempre na linguagem e dela nunca poderemos escapar e que, por outro lado, a nossa existência sempre se

¹⁵ Quando Heidegger escreve a palavra ser coberta com dois traços cruzados, segundo Vattimo, significa que o filósofo está se referindo ao ser como evento que se abre nas quatro direções do *Geviert*.

¹⁶ Cf. VATTIMO, G., *Introdução a Heidegger*, p. 138.

move numa compreensão do ser, hermenêutica, isto é, interpretação, encontro com a linguagem, é a própria existência na sua dimensão mais autêntica.¹⁷

Definitivamente, partindo daí, não se pode mais entender a linguagem como instrumento que serve para comunicar e analisar a realidade constituída fora da linguagem. Nem se pode entender interpretação apenas como aquilo que remonta do signo ao significado. Muito menos, pode-se compreender o pensamento apenas como explicação. O pensamento hermenêutico como escuta da linguagem ganha lugar porque se faz enquanto compreende a palavra como abrigo permanente:

A palavra é, então, na musicalidade de sua entonação, o que arranca do esquecimento abissal e da ocultação sem limite o próprio existir das coisas, o que não é nem sua simples singularidade sensível nem seu puro conceito abstrato, mas a *alteridade* de sua ausência que se apresenta “suavemente”, isto é, sensivelmente, a nós, na sonoridade das palavras que os designam.¹⁸

A palavra poética

O poema nomeia e nomeando chama. O nomear é o dizer do poeta que chama as coisas ao mundo. Assim a poesia se origina: na palavra. Por isso, Heidegger considera a palavra aquele acontecimento que dispõe a mais alta possibilidade do homem: “Só há mundo onde há palavra.”¹⁹ Só a palavra pode fazer com que haja mundo e, da mesma forma, fazer com que haja coisa.

Chegamos aqui ao ponto mais alto desde que nos perguntamos pelo significado de nomear. Para responder tal questão é necessário descer a uma dimensão mais profunda já que só assim poderemos compreender o dizer do poeta. Ora, sabemos que os caminhos de Heidegger seguiram nesta direção, se é que podemos chamar isto de uma direção. Heidegger no ensaio “A essência da linguagem” decide fazer uma experiência com a linguagem. Para isto ele se põe à escuta do poema. O poema, como vimos, é, de acordo com o filósofo, o modo privilegiado do habitar humano. Tanto Heidegger quanto Hölderlin afirmam que apesar de todo mérito é poeticamente que o homem habita a terra, que o homem

¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 141.

¹⁸ DASTUR, F., *A morte: ensaio sobre a finitude*, pp.116-117.

¹⁹ HEIDEGGER, M., Hölderlin y la esencia de la poesía, *Arte Y Poesía*, p. 113.

pertence à terra.²⁰ No entanto, esse habitar poético exige uma entrega e um recuo. É necessário escapar da linguagem cotidiana, é necessário recolocar mais uma vez a questão esquecida.

Tratemos então de nos aproximar do poema que Heidegger analisa no ensaio em questão. O poema “A Palavra” de Stefan George diz:

A Palavra²¹

Milagre da distância e da quimera
Trouxe para a margem de minha terra

Na dureza até a cinzenta Norna
Encontrei o nome em sua fonte-borda –

Podendo nisso prendê-lo com peso e decisão
Agora ele brota e brilha na região...

Outrora eu ansiava por boa travessia
Com uma jóia delicada e rica,

Depois de longa procura, ela me dá a notícia:
“Assim aqui nada repousa sobre razão profunda”

Nisso de minhas mãos escapou
E minha terra nunca um tesouro encontrou...

Triste assim eu aprendi a renunciar:
Nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar.

²⁰ Em “Holderlin e a essência da poesia” Heidegger, ao comentar as palavras de Hölderlin: “Cheio de méritos, mas é poeticamente/ que o homem habita esta terra./”, afirma que a poesia não é um adorno que acompanha a existência humana, e, sim, o fundamento que suporta a história.

²¹ HEIDEGGER, M., A essência da linguagem, *A caminho da linguagem*, p.129.

Na poesia, segundo Heidegger, se resguarda algo muito digno de se pensar: o fato de que uma coisa é e, sobretudo, o fato de que a palavra se relaciona também com o ser. Por isso, iremos nos ater ao último verso do poema. Em primeiro lugar, temos a partir daí que palavra e coisa são diferentes. Bem, se a palavra não pode ser uma coisa, seguindo a interpretação de Heidegger, quando o poeta, no poema acima, pede à deusa do destino²² uma palavra para jóia, ele, na verdade, deseja uma palavra para a palavra.

Contudo, a palavra como já dissemos não é uma coisa. No entanto, só onde há palavra é que há coisa, ou melhor, só a palavra concede ser à coisa. Então, a coisa “é”. Como a palavra, o “é” também não pertence às coisas existentes. Por outro lado, não se trata aqui de um vazio nem de um mero nada. Mas, então, para onde aponta a experiência poética com a palavra? Aponta para o ser: a palavra dá ser. Isto quer dizer que a linguagem não é expressão nem apresentação, mas doação do ser. Por isso, Heidegger, seguindo os versos de Hölderlin, afirma que a essência da poesia deve ser compreendida como instauração do ser com a palavra.²³ A jóia permanece reserva quando a palavra para a palavra, ao poeta, é recusada. Mas, de modo algum, a jóia se dissipa no nada negativo. A jóia se retrai e continua a ser tesouro, reserva, ou seja, a palavra que dá ser ao ente se retira ela própria no silêncio.

Assim é que a palavra do poeta nos liberta da lida cotidiana e nos envia para o inusitado. O poema nos transporta imediatamente para fora do interior desse eu subjetivo e, sobretudo, nos permite vagar por mundos desconhecidos. Octavio Paz em *O Arco e a Lira* diz que uma imagem aproxima, mas não reduz o ser como faz a ciência com seus conceitos e leis. O poeta de súbito afirma que as pedras são plumas. A imagem resulta escandalosa porque desafia o próprio princípio de não-contradição: o pesado é leve. Apesar dessa sentença adversa os poetas se obstinam em afirmar que a imagem revela o que é e não o que poderia ser, ou seja, a imagem recria o ser. Há um tempo em que pedra e plumas se dão.

Em *A Busca do Presente*, o pensador mexicano diz que começou a escrever poemas porque queria compreender o seu tempo, mas não o tempo do

²² Segundo a tradutora, Márcia de Sá Cavalcante Schuback, norna é a deusa do destino da mitologia nórdica. Na verdade são três as nornas: *Urd, Vrdani e Skuld*. Elas decidem o destino de cada recém-nascido e tecem os fios que determinam o destino do mundo.

²³ HEIDEGGER, M., Hölderlin y la esencia de la poesía, *Arte Y Poesía*, p. 137.

relógio, não o tempo linear, não o tempo dos agoras, pois o que é próprio do tempo não reside na seqüência dos agoras, mas num advir, e este advir joga a cada vez de modos diferentes nas três dimensões da temporalidade. Octavio Paz queria compreender também a si mesmo. Por isso começou a escrever poemas. Na verdade, Paz começou a escrever poemas movido por uma necessidade que ele mesmo não sabia explicar, apenas mais tarde, compreendeu que escrever poemas estava intimamente relacionado com a busca do Presente, isto é, com a busca de um tempo mais autêntico e originário. Nesse sentido, Paz persegue uma abertura que permita ao homem um contato com um tempo no qual passado, presente e futuro não são meramente uma linha contínua, mas um tempo com densidade e profundidade, ou seja, um tempo que se funde com a vida. E a poesia é, segundo Carneiro Leão, certamente esse convite para superar o perigo da repetição e do utilitarismo que rege os dias de hoje.²⁴ É neste sentido que a poesia e a palavra do poeta nos libertam, para outras auroras.

²⁴ Cf. CARNEIRO LEÃO, E., *Existência e Poesia, Aprendendo a pensar*. Vol. II.